

Proposta de Família Evolutiva: Crítica ao Sistema Familiar Convencional

Proposal of an Evolutionary Family: a Critique of the Conventional Family System
Propuesta de Familia Evolutiva: Crítica al Sistema Familiar Convencional

Juliana Puppín Duarte*

* Psicóloga. Mestre em Psicologia Social. Voluntária do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC).

julianapuppín@yahoo.com.br

Texto recebido para publicação em 19.05.10.

Palavras-chave

Dupla evolutiva
Interassistência
Reconciliação
Ressoma

Keywords

Evolutionary duo
Interassistance
Reconciliation
Resomation

Palabras-clave

Dupla evolutiva
Interasistencia
Reconciliación
Resoma

Resumo:

O artigo retrata a importância da família enquanto laboratório consciencial pró-evolutivo. O objetivo é expor uma crítica ao sistema familiar convencional pautado apenas em valores intrafísicos e propor uma técnica, ainda em desenvolvimento, de família fundamentada no paradigma consciencial. Para tanto, foi feita revisão bibliográfica e investigação da influência pensênica da família sobre seus descendentes. As análises contribuíram para repensar o modelo familiar e para uma maior diferenciação entre a influência da forma de pensar da família e a da própria pessoa.

Abstract:

The article addresses the importance of the family as an evolutionary consciencial lab. The objective is to offer a critique of the conventional family system based just on intraphysical values and propose a family technique, still under development, based on the consciencial paradigm. This way, there has been made a bibliographic review and an investigation into the thosenic influence of the family on descendents. The analysis contributed to the review of the family model and towards a better distinction between the influence of the family in the way of thinking and the individual way of thinking.

Resumen:

El artículo retrata la importancia de la familia en cuanto un laboratorio consciencial proevolutivo. El objetivo es exponer una crítica al sistema familiar convencional pautado apenas en valores intrafísicos y proponer una técnica, todavía en desarrollo, de familia fundamentada en el paradigma consciencial. Para esto fué hecha una revisión bibliográfica e investigación de la influencia pensênica de la familia sobre sus descendientes. Los análisis contribuyeron para repensar el modelo familiar y para una mayor diferenciación entre la influencia de la forma de pensar de la familia y la de la propia persona.

INTRODUÇÃO

A convivência familiar pode alavancar ou atravancar o processo evolutivo da consciência. Quanto maior o restringimento intrafísico, mais se está sujeito a essa influência. Ou seja, quanto menos nos conhecemos e menos conhecemos o funcionamento do nosso sistema familiar, mais estaremos sujeitos à sua forte influência na forma de pensar, sentir e agir. Em geral, a família funciona de acordo com certos valores que foram herdados de seus antecessores. Assim, seria ótimo se vivêssemos em uma família norteadada pelo paradigma consciencial.

O objetivo do artigo é expor uma crítica ao sistema familiar convencional pautado apenas em valores intrafísicos e propor uma técnica para que a formação da família esteja consonante com o paradigma consciencial. Para alcançar tais objetivos, foi feita revisão bibliográfica e investigação da influência pensênica da família sobre seus descendentes, observando a casuística pessoal da autora.

A primeira parte do artigo traz um breve histórico do modelo da família convencional no ocidente, desde sua implementação até sua configuração atual. A intenção é mostrar que o que entendemos por família é uma construção social que varia de acordo com as necessidades de certo momento histórico. A segunda parte expõe a influência pensênica do sistema familiar sobre seus componentes. Mostra que quanto menos lúcida é a consciência sobre esse processo, mais se é conduzido pelas heranças familiares, permanecendo indiferenciado. A autora ilustra tal processo com sua vivência que apresenta a família como um rico laboratório para autopesquisa. Diante da importância da família para seus componentes, a terceira parte do artigo é destinada a propor a possibilidade de uma técnica para a construção de um novo modelo familiar que considere o paradigma consciencial e o desenvolvimento evolutivo através da interassistência. A título experimental esse modelo será denominado de Família Evolutiva. A autora ressalta que é uma técnica em desenvolvimento, que necessita ser aprofundada em futuras pesquisas. A terceira parte enfatiza a família tal qual um laboratório, com a análise de heranças pensênicas recebidas. Por fim, percebe-se que a família é um laboratório gratuito de interassistência grupal.

I. FAMÍLIA CONVENCIONAL

HISTÓRICO

A estrutura familiar como conhecemos hoje vem da família burguesa europeia, datada do século XVIII, e se organizou de forma bem distinta da família aristocrata e da família camponesa. A família aristocrata era bem hierarquizada e tinha uma grande preocupação com o *status* social. Os casamentos eram arranjados de acordo com os interesses dos pais, que buscavam preservar o patrimônio, a linhagem e as alianças sociais. O afeto não era um valor a ser considerado assim como a monogamia também não o era. Com relação aos filhos, davam-lhes pouca atenção nos primeiros anos de vida e sua educação valorizava o aprendizado do lugar social de cada um. Para determinar a autoridade do adulto eram usadas punições físicas. Na família camponesa, a aldeia era sua extensão e regulamentava a vida cotidiana buscando manter as tradições. Os pais não tinham muito zelo com os filhos. Os casamentos aconteciam por livre escolha dos cônjuges os quais tinham uma marcada divisão de papéis, sendo responsabilidade das mulheres cuidar da casa, das crianças, dos animais domésticos e regular os casamentos.

Segundo Prado (1979, p. 85), a família burguesa, ou família moderna, “se tornou o modelo ideológico de todas as camadas sociais às quais se estendeu”. É a família formada pela livre união do casal que constitui um núcleo com seus filhos e é hierarquizada pela divisão de tarefas por gênero, marcando bem a separação entre os espaços público e privado. A família deixa de ser uma unidade de produção para se tornar um local de refúgio, onde o afeto passa a ser valorizado nas relações entre o casal e entre pais e filhos. O modelo da família burguesa foi um marco em nossa história que, de acordo com Poster (1979, p. 195), “constituiu um padrão emocional particular que serviu para promover os interesses da nova classe dominante e registrar de um modo sem paralelo os conflitos de idade e sexo”. Como assinala Rocha-Coutinho (1994), as teorias religiosas e científicas do fim do século XIX determinavam o perfil do macho como fisicamente forte, dominante, intelectual e viril, enquanto que a fêmea era vista como fisicamente frágil, dócil, submissa, compreensiva, além de estar sujeita ao predomínio “das faculdades afetivas”. Esperava-se que o homem

promovesse a segurança emocional e financeira da família, enquanto que a mulher encarregava-se dos cuidados e gerenciamento da casa e da prole. Essa rígida divisão dos papéis sociais de acordo com o gênero é um dos elementos desencadeadores da chamada “crise” no casamento do século XX.

A partir de meados do século XX, muitos foram os fatores que contribuíram para as mudanças nas relações familiares. Dentre eles, os Movimentos Feministas da segunda metade do referido século, que levantaram importantes questionamentos a respeito do papel e da posição atribuídos às mulheres e aos homens na sociedade intrafísica. Contudo, como aponta Jablonski (2007), hoje há no discurso dos casais a defesa da igualdade de deveres e responsabilidades na relação. Porém, na prática, o que se pode constatar é a permanência muito forte de padrões tradicionais. Outra questão atual é a crescente valorização da satisfação pessoal através do consumo de bens, sendo que, para a nova geração, é como se sempre tivesse sido assim. É o “capitalismo do Ego” (BADINTER, 1986, p. 267). Com as pessoas tão autocentradas, torna-se desafiador conciliar o amor por si com o amor pelo outro. A exaltação do individualismo e da posse de bens materiais é vista pela sociedade ocidental como a expressão máxima da felicidade, o que permeia todas as relações inclusive as familiares. Segundo Vaitsman (1994, p. 19), a família conjugal moderna, que no século XX coexiste com a família conjugal pós-moderna, caracteriza-se pela “inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas”. Assim, encontramos na contemporaneidade grande gama de arranjos que podem ser descritos como família, por exemplo:

1. Heterossexuais.
2. Homoafetivas.
3. Com progenitor único.
4. Com bebê de proveta.
5. De barriga de aluguel.
6. Recasadas.

DEFINIÇÃO

A família é um sistema interligado por fortes laços emocionais e pela consanguinidade. Qualquer mudança em um de seus membros afeta os demais. Basta pensar no corpo humano representando a família, por analogia os órgãos seriam os membros que constituem a família, os vasos sanguíneos seriam as emoções que mantêm a conexão entre os membros e a genética seria as histórias familiares que são passadas de geração em geração e determinam o funcionamento do organismo como um todo. Assim, o mau funcionamento do coração, por exemplo, compromete o sistema todo. Da mesma forma, a mudança de comportamento de um dos componentes da família repercute nos demais. Podemos dividir o sistema familiar em família nuclear, que é composta pelos arranjos, envolvendo o pai, a mãe e os filhos; e em família extensa, que inclui os outros parentes, por exemplo tios, primos, avós, sogra, etc.

II. INFLUÊNCIA FAMILIAR

Cada família possui uma forma própria de funcionar baseada em determinados valores, nas tradições e na sua história. Toda família passa seu legado aos descendentes, que se encarregam de passá-lo de geração a geração. Segundo Carter e McGoldrick (1995), a família e seu modelo de funcionamento exercem grande influência no desenvolvimento do jovem. Das informações transmitidas transgeracionalmente pela família para o indivíduo, algumas têm grande força e acabam por nortear os relacionamentos dentro e fora da família. A influência dos padrões familiares sobre nossa vida é muito maior do que percebemos e é tão determinante ou mais que a própria holobiografia. Ângelo, Andolfi e Saccu (1995) reforçam a importância

da família na influência exercida sobre as condutas de seus membros. O efeito dos padrões transmitidos a eles dependerá da força das histórias e também do grau de diferenciação e elaboração alcançado pelo sujeito. Ou seja, quanto menos consciência temos desses padrões, mais fácil se torna repeti-los automaticamente. Da mesma forma, quanto mais conhecemos a herança familiar, mais fácil se torna a diferenciação da família e mais livres estamos para escolher os padrões que queremos ou não repetir em nossas relações, sejam de trabalho, amizade ou afetiva.

A repetição dos padrões familiares é favorecida pelos seguintes 4 aspectos:

1. Restringimento intrafísico. Apesar da consciência ser multidimensional, multiexistencial e multiveicular, ressoa-se qual uma tela quase em branco que vai sendo preenchida com as tendências mesológicas, principalmente as familiares.
2. Laços de afinidade. Todo grupo familiar tem sua formação com base na lei da afinidade, ou seja, semelhante atrai semelhante.
3. Necessidade de aceitação ou autorização. Quando precisamos do outro.
4. Indiferenciação. É quando estamos, de alguma forma, “embolados” com nossa família.

DIFERENCIAÇÃO

É o grau de autonomia pensênica, ou seja, a distinção entre a forma de pensar, sentir e agir da pessoa e a forma que sua família o faz. É a capacidade de discernimos o que é pessoal e o que foi introjetado. Significa usar da racionalidade e se relacionar com a família enquanto adulto e não ao modo de criança pedindo atenção. A pessoa conquista autonomia distinguindo seus valores, sua singularidade e os valores do grupo, sem estar extremamente ligada à família e nem a outro extremo, rompido, magoado ou brigado. A diferenciação não é tarefa fácil. O fato de perceber gostos opostos, pensamentos diferentes dos familiares, a ponto de se questionar o porquê ter nascido entre eles não significa que a consciência não tenha nada a ver com sua família.

INDIFERENCIAÇÃO

Nela, os familiares permanecem emocionalmente presos uns aos outros. Pode ser identificada quando:

1. Aceitamos sem questionar o que nos é passado, ficando fusionados com a família.
2. Agir em oposição para se mostrar diferente.

Um dos pilares do paradigma consciencial é a autopesquisa fundamentada no laboratório consciencial (labcon), no qual a pessoa é ao mesmo tempo o pesquisador, o objeto a ser pesquisado e o instrumento onde se realiza a pesquisa. Não existe alguém melhor que a própria pessoa para mapear o que sente ou pensa. Conhecendo nossas qualidades, defeitos, valores e a forma como nos comportamos nas diferentes situações do dia a dia fica mais fácil traçar metas para o crescimento pessoal, tendo mais assertividade em nossas relações. Assim, a grande influência que o sistema familiar impõe em nosso funcionamento por si só já é um enorme laboratório de autopesquisa. Pode-se iniciar o labcon respondendo aos seguintes questionamentos:

1. Por que essa família?
2. Qual minha relação com seus membros?
3. O que temos em comum?
4. O que tenho para aprender com esse grupo?
5. O que tenho para ensinar a esse grupo?

III. CASUÍSTICA PESSOAL

Algumas etapas que contribuíram para o processo de diferenciação da autora.

1º passo: é reconhecer o que herdamos, como e quando nos manifestamos igual ao grupo familiar. É inevitável termos traços que são iguais aos da nossa família.

Repeti alguns padrões familiares apesar de achar que estava imune a isso, pois me considerava bem diferente de minha mãe e não queria passar minha existência em função do marido, dos filhos e da casa. Mas como ser diferente de nossos pais se por muitas vezes eles são exemplos para nós e, além disso, nos criam para ficarmos iguais a eles? As pessoas só podem ensinar aquilo que sabem. Por exemplo, minha mãe me instruiu para ser prendada igual a ela. Dessa forma, seguindo seu modelo me casei com um homem que viajava muito a trabalho. Foi diante da falência eminente do meu primeiro casamento que comecei a investigar e diagnosticar os motivos pelos quais a relação estava chegando ao fim. Uma das questões que me surpreendeu foi a percepção de ter entrado em uma relação semelhante ao relacionamento de meus pais. O casamento deles segue o modelo tradicional de matrimônio: oficializado na igreja e no civil, o homem trabalha fora de casa e à mulher cabe o cuidado com o lar e a prole. Pesquisando mais a fundo a questão, percebi que tal modelo de relação era anterior aos meus pais, vinha dos meus avós. Meus pais, mesmo sem intenção, repetiram o modelo dos pais deles e passaram tal padrão adiante.

2º passo: o reconhecimento ou aceitação de que a família realmente influencia nosso comportamento constitui o momento de listar os trafores e trafaes familiares. Toda família tem trafores e trafaes, assim como cada um de nós.

Expandindo a autopesquisa, fiz um breve levantamento de traços provenientes do legado da minha família nuclear.

Tabela I. Trafores e trafaes familiares

| Trafores | Trafaes |
|------------------------|------------------------|
| Carinhosa | Sem posicionamento |
| Neofílica | Evitadora de conflitos |
| Preocupação com o soma | Controladora |
| Assistencial | Ingênua |
| <i>Large</i> | |
| Comprometida | |

Após listar os traços é hora de partir para a ação e traçar metas para a superação dos trafaes.

3º passo: admitir não ser problema repetir de maneira consciente determinados padrões familiares positivos. As famílias têm trafores que valem a pena serem incorporados em nossa manifestação. A grande questão é a falta de clareza do que estamos replicando do legado familiar.

CASUÍSTICA

Uma de minhas metas foi qualificar positivamente o relacionamento com minha irmã. Temos apenas um ano de diferença e essa proximidade etária favoreceu a necessidade de deixarmos bem demarcado que

somos diferentes. Principalmente porque, enquanto morávamos juntas, sempre dividíamos os espaços, objetos e roupas. Tudo era das duas, não havia muito espaço para os gostos pessoais. Se o ambiente era homogêneo, os “gênios” eram opostos. Várias vezes por semana tínhamos pequenas discussões sobre a utilização do espaço e dos pertences, além de existir uma competição velada. Contudo, o amadurecimento natural e a adoção das posturas listadas abaixo transformaram nossa relação. Hoje há compreensão e suporte mútuo, pois as discussões se transformaram em diálogos pautados no binômio admiração-discordância, favorecendo a interassistência.

Algumas posturas favorecem a reconciliação no grupo familiar, entre elas:

1. Não criar expectativas com relação ao comportamento das pessoas do seu grupocarma.
2. Descobrir os trafores de seus familiares.
3. Respeitar o patamar evolutivo e o tempo de amadurecimento de cada consciência.
4. Não querer mudar os outros. Priorizar as próprias reciclagens.
5. Não exigir de seus familiares aquilo que eles não têm capacidade para lhe dar.
6. Em visitas, ficar apenas durante o tempo que lhe possibilite manter os melhores pensenes.

IV. FAMÍLIA EVOLUTIVA

Independente do arranjo familiar, em geral, as famílias convencionais não se preocupam com a evolução consciencial individual e muito menos com a grupal.

A Conscienciologia se posiciona no contrafluxo da sociedade contemporânea, pois prioriza a holomaturidade. Valoriza o fato de sermos todos interdependentes; as relações focam na interassistência, procurando construir parcerias evolutivas duradouras. Isso não significa que a relação afetiva não seja fonte de prazer e satisfação, mas seu objetivo principal é a evolução pessoal através da ajuda mútua para atingir a holomaturidade.

A evolução é potencializada pela ressonância, que permite a interação com um grande número de consciências nos mais diversos graus de maturidade. A troca de experiências e informações através das interrelações vai burilando a consciência. A ressonância também permite a convivência das consciências de diferentes padrões pensênicos. Ressonância não é nada simples; basta observar o “paracenso” apresentado por Vieira (1996): a existência média de 9 consciências para cada consciência ressonada. Isso equivale dizer que de 10 consciências, apenas uma ressona; as demais ficam na “parafila” e esperam uma oportunidade. Além disso, reflita sobre a possibilidade de você ter escolhido nascer de seus pais. É claro que nem todas as consciências podem escolher os detalhes da sua ressonância.

Família Evolutiva

A *família evolutiva* é aquela formada com lucidez e discernimento e com o objetivo de potencializar a evolução individual e grupal com base no paradigma consciencial. A Família Evolutiva se inicia com a dupla evolutiva, ou seja, com a constituição de um casal que busca através dessa relação alavancar a evolução conjunta e que fez a escolha de ter filho(s). A partir da paternidade, a dupla se torna uma família evolutiva, um núcleo de interassistência unido por laços afetivos positivos, com razoável equilíbrio psicológico, emocional, somático, energético e financeiro.

A família evolutiva é o grupo social que recebe a criança recém-chegada do extrafísico, sendo responsável por assegurar a educação e o desenvolvimento integral e saudável de seus descendentes.

Após a formação da dupla evolutiva e a consolidação da relação, o casal pode pensar em ampliar esse núcleo. Segundo Vieira (1997, p. 126), “a *tendência* inteligente de toda dupla evolutiva lúcida é se especializar em gestações conscienciais” (grifo da autora).

Contudo, a gestação humana pode vir a ser uma escolha quando otimizar a evolução conjunta. Caso a dupla opte pela paternidade, essa é uma decisão que deve ser tomada com muita lucidez, discernimento e com os amparadores, para evitar que a criança seja um acidente de percurso ou um desvio de próxis.

Entre os acidentes de percurso para uma gravidez indesejada, encontram-se, por exemplo:

1. Capricho.
2. Crença religiosa.
3. Descuido.
4. Desinformação.
5. Esquecimento (pílula).
6. Farra (bebedeira, drogas).
7. Inconsequência.
8. Recusa ao uso de métodos contraceptivos.
9. Violência.

FAMÍLIA EVOLUTIVA NÃO É ACIDENTE DE PERCURSO, AO CONTRÁRIO, É RESULTADO DE REFLEXÃO LÚCIDA E PONDERAÇÃO, A COMEÇAR PELA DUPLA EVOLUTIVA.

É responsabilidade do casal a concepção ou a prevenção contra uma gravidez indesejada e tal decisão deve ser avaliada com muita cautela e lucidez. Antes de se ter um filho vale a pena refletir sobre as 20 questões listadas abaixo:

01. Quero um(a) filho(a) em nome da continuação da espécie?
02. Quero um(a) filho(a) para cuidar de mim na velhice?
03. Quero um(a) filho(a) para me fazer companhia?
04. Quero um(a) filho(a) para dar continuidade nos negócios familiares?
05. Quero um(a) filho(a) para o nome da minha família não morrer?
06. Quero um(a) filho(a) para ter a quem passar as tradições familiares?
07. Quero um(a) filho(a) porque essa é a progressão natural de um relacionamento?
08. Quero um(a) filho(a) para criar uma versão melhorada de mim?
09. Quero um(a) filho(a) porque o relógio biológico está correndo e depois isso não será mais uma opção?
10. Quero um(a) filho(a) para meus pais terem um neto?
11. Quero um(a) filho(a) porque meu (minha) marido (esposa) quer?
12. Quero um(a) filho(a) porque alguém (familiar, sociedade, amigo) diz que tenho que passar por essa experiência?
13. Quero um(a) filho(a) porque a mulher foi feita para isso?
14. Quero um(a) filho(a) para prender o homem na relação?
15. Quero um(a) filho(a) para realizar o desejo de alguém que não teve?
16. Quero um(a) filho(a) para receber herança?

17. Quero um(a) filho(a) por questões financeiras? (bolsa família, barriga de aluguel)
18. Quero um(a) filho(a) para substituir um(a) filho(a) que dessorou?
19. Quero um(a) filho(a) para ter um doador compatível?
20. Quero um(a) filho(a) para o irmão ter companhia?

Responder sim a qualquer uma dessas questões aponta ainda um nível marcante de egoísmo dificultador da constituição de uma família evolutiva. A maioria da sociedade quer ter um filho para atender alguma carência. Conforme Passos (2007, p. 125), os filhos estão, cada vez mais, a serviço do cumprimento da pauta narcísica dos pais. Nesse caso, os filhos deixam de ser considerados por si mesmos e passam a ser vinculados ao ganho que oferecem aos pais.

Além de se ter claro o que motiva a dupla a ter uma criança, também é preciso estar ciente para as seguintes modificações que ocorrerão com a chegada do bebê:

01. Mudança da rotina de funcionamento da casa.
02. Redução do número de horas dormidas pelos progenitores.
03. Necessidade de um quarto para a criança.
04. Aumento significativo dos gastos.
05. Redução da atividade sexual do casal.
06. Redução da atenção que o casal despende um para o outro. Toda atenção se volta para o cuidado com a criança.
07. Inclusão de mais uma pessoa na vida diária do casal para ajudar nos cuidados com o bebê.
08. Redução do tempo dedicado às atividades extras, como estudar e realizar trabalho voluntário.
09. A mulher para de trabalhar por alguns meses.
10. O homem deve sustentar financeiramente a casa.

É necessário ter claro o impacto que um filho trará para a vida do casal e para o seu momento evolutivo.

Família é comprometimento e renúncia. Comprometimento com o cuidado físico, principalmente nos dois extremos da vida intrafísica, na infância e na velhice. É comprometimento com a educação formal, emocional e com o sustento financeiro. Não adianta ter um filho e delegar sua educação a um parente (pais, avós, tios, etc), a outra pessoa (babá, empregada), ou a uma instituição (creches, colégios). Como já foi dito, a parte mais fácil da constituição de uma família é a concepção. A parte mais difícil é educar e criar a criança, oferecendo um ambiente de amor, acolhedor, que possibilite desenvolver a autonomia, a sensação de pertencimento e proteção. É importante ter em mente que a família é mérito, é afinidade, é necessidade de reconciliação e é retribuição.

Constituir uma família com certa estabilidade não é tarefa simples. Constituir uma Família Evolutiva é ainda mais complexo, já que envolve, entre outros aspectos, a multidimensionalidade, a multiexistencialidade e a interassistência. Quanto mais qualificados estivermos, mais complexas se tornarão as relações. Para exemplificar, seguem duas questões:

1. Você está pronto para resgatar a relação com uma consréu, através da paternidade ou da maternidade?
2. Se você souber que seu futuro bebê é uma consréu terá maturidade para lidar com a situação?

Pensar a família como uma técnica evolutiva é estar preparado para a assistência que se faz necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família pode ser um campo fértil para exercitarmos a interassistência, tanto no papel de assistente, quanto no papel de assistido, pois essas posições não são fixas e mudam dependendo do momento. É uma relação ganha-ganha e ocorre mais facilmente com as pessoas de quem gostamos, nossos afins.

A família é oportunidade de reconciliação. Devemos ser gratos ao nosso grupo familiar, principalmente, aos nossos pais que viabilizaram nossa ressonância, permitindo, assim, alavancarmos o processo evolutivo.

Além da proposição do melhor aproveitamento evolutivo da nossa família, a autora apresentou a ideia de outro tipo de família, a família evolutiva, embasada no objetivo da evolução lúcida e no paradigma consciencial, a partir da dupla evolutiva.

REFERÊNCIAS

01. **Ângelo**, Claudio; **Andolfi**, Maurizio; & **Saccu**, Carmine (Orgs.); *O Casal em Crise*; 3ª Ed.; trad. Silvana Finzi Foá; *Summus Editorial*; São Paulo, SP; 1995.
02. **Badinter**, Elisabeth; *Um é o Outro: Relações Entre Homens e Mulheres*; trad. Carlota Gomes; *Nova Fronteira*; Rio de Janeiro, RJ; 1986.
03. **Carter**, Betty; & **Mcgoldrick**, Mônica; *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma Estrutura para Terapia Familiar* (original publicado em 1989); trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese; *Artmed*; Porto Alegre, RS; 1995.
04. **Jablonski**, Bernardo; *O Cotidiano do Casamento Contemporâneo: a Difícil e Conflitiva Divisão de Tarefas e Responsabilidades Entre Homens e Mulheres*; In: **Feres-Carneiro**, Terezinha (Org.); *Família e Casal: Saúde, Trabalho e Modos de Vinculação*; S. E.; São Paulo, SP; 2007; páginas 203 a 228.
05. **Passos**, Maria Consuelo; *A Constituição dos Laços na Família em Tempos de Individualismo*; *Mental*; Revista; Vol. 5; N. 9; nov. 2007; páginas 117 a 130; disponível em: <<http://www.scielo.br>>; acesso em: 08.04.09.
06. **Poster**, M.; *Teoria Crítica da Família*; trad. A. Cabral; *Zahar Editores*; Rio de Janeiro; RJ; 1979.
07. **Prado**, Yolanda Cerquinho da Silva; *Ser Esposa: a Mais Antiga Profissão*; *Brasiliense*; São Paulo; SP; 1979.
08. **Rocha-Coutinho**, Maria Lúcia; *Tecendo por Trás dos Panos: a Mulher Brasileira nas Relações Familiares*; *Rocco*; Rio de Janeiro, RJ; 1994.
09. **Vaitsman**, Jeni; *Flexíveis e Plurais: Identidade, Casamento e Família em Circunstâncias Pós-modernas*; *Rocco*; Rio de Janeiro, RJ; 1994.
10. **Vieira**, Waldo; *Manual da Dupla Evolutiva*; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC)*; Rio de Janeiro, RJ; 1997.
11. **Idem**; *Nossa Evolução*; *Instituto Internacional de Projeciologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1996.

LITERATURA CONSULTADA

01. **Badinter**, Elisabeth; *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (original publicado em 1980); trad. Waltensir Dutra; *Nova Fronteira*; Rio de Janeiro, RJ; 1985.
02. **Balona**, Málu; *Autocura através da Reconciliação*; 2ª Ed.; *IIPC*; Rio de Janeiro, RJ; 2004.
03. **Bauman**, Zygmunt; *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*; trad. Carlos Alberto Medeiros; *Jorge Zahar*; Rio de Janeiro, RJ; 2004.
04. **Costa**, Jurandir Freire; *Ordem médica e norma familiar*; 3ª Ed.; *Edições Graal*; Rio de Janeiro, RJ; 1989.
05. **Figueira**, S. A.; *O “Moderno” e o “Arcaico” na Nova Família Brasileira: Notas Sobre a Dimensão Invisível da Mudança Social*; In: **Figueira**, S. A. (Org.); *Uma Nova família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira*; *Jorge Zahar*; Rio de Janeiro, RJ; 1987; páginas 11 a 30.
06. **Giddens**, Anthony; *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*; trad. Magda Lopes; *UNESP*; São Paulo, SP; 1993.
07. **Jablonski**, Bernardo; *Até que a Vida nos Separe: A Crise do Casamento Contemporâneo*; *Agir*; Rio de Janeiro, RJ; 1991.

-
08. **Magalhães**, Andréa Seixas; *Transmutando a Individualidade na Conjugalidade*; In: Feres-Carneiro, Terezinha (Org.); *Família e Casal: Arranjos e Demandas Contemporâneas*; PUC-Rio; Loyola; Rio de Janeiro, RJ; 2003; páginas 225 a 246.
09. **Norgen**, M. B. P.; **Souza**, R. M.; **Kaslow**, F., **Hammerschmidt**, H.; & **Sharlin**, S. A.; *Satisfação Conjugal em Casamentos de Longa Duração: uma Construção Possível*; *Estudos de Psicologia (Natal)*; 2004; Vol. 9; N. 3; disponível em: <<http://www.scielo.br>>; acesso em: 08.04.08.
10. **Regis**, Jaci; *Amor Casamento e Família*; 7ª Ed.; DICESP; Santos, SP; 1986.
11. **Vainfas**, Ronaldo; *Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão*; 2ª Ed.; Ática; São Paulo, SP; 1992.
12. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 1994.
13. **Idem**; *Homo sapiens reurbanisatus*; CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 2003.
14. **Idem**; *O que é a conscienciologia*; 3ª Ed.; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2005.

